

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: QESP Class.: Kaiapó / Geral 263
Data: 29/09/94 Pg.: A27

AMBIENTE

Descoberto contrabando de mogno no Pará

Sem condições de chegar à reserva caiapó de Mencragnotire, que teve a pista de pouso interdita, agentes da PF, Funai e Ibama decidiram interceptar o carregamento de madeira em São Félix do Xingu

JOÃO DOMINGOS

REDENÇÃO, Pará — Um contrabando de mogno foi descoberto ontem de manhã por uma blitz de agentes da Polícia Federal, da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) nas proximidades da aldeia Crocaimoro, na reserva caiapó de Mencragnotire, em Redenção, sul do Pará. Os agentes não puderam lavar o flagrante do tráfico porque os índios, avisados antes da chegada dos agentes e em combinação com os madeireiros, interditaram com tratores, caminhões e galões de combustível a pista de pouso clandestina na margem esquerda do Rio Xingu. A Polícia Federal estima que desde o início ano já foram retirados da região 40 mil metros cúbicos de mogno.

DE SÃO FÉLIX,
MADEIRA SEGUE
POR ESTRADA
ATÉ BELÉM

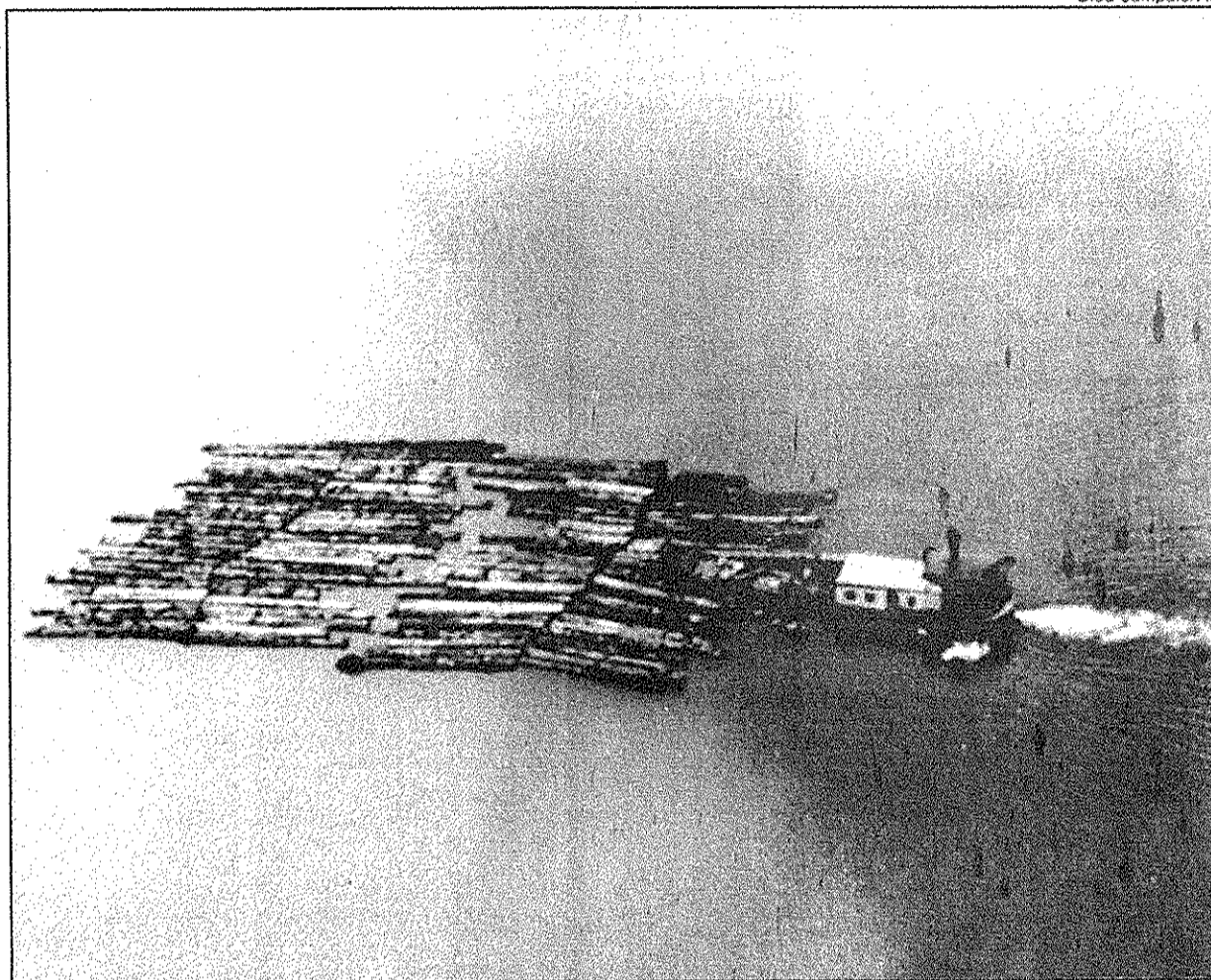
Temendo conflito entre os agentes e os índios caiapós, o chefe do Departamento de Patrimônio Indígena da Funai, Odenir Pinto, orientou os participantes da operação a se deslocar até São Félix do Xingu, cerca de 150 quilômetros ao norte. A Funai chegou a planejar uma operação que levaria os agentes rio acima, até o cais improvisado no meio da selva, próximo à aldeia Crocaimoro, para apreender a madeira. Mas a possibilidade de ocorrência de um conflito armado fez com que Odenir Pinto decidisse por outra saída: a autuação e apreensão de toda a madeira que ontem descia o rio em dois grandes carregamentos. Sem condições de chegar à aldeia

Crocaimoro, a Funai decidiu montar um posto de vigilância de seus agentes e da Polícia Federal em São Félix do Xingu. A única forma de escoamento da madeira traficada da reserva Mencragnotire é pelo Rio Xingu. Todo carregamento que chegar à cidade será apreendido. Os envolvidos no transporte serão indiciados por contrabando.

Mesmo sabendo do tráfico desde o dia 12, a Funai não conseguiu identificar os madeireiros que estão envolvidos com a extração do mogno das terras dos índios caiapós. Há suspeitas sobre um dos maiores grupos econômicos de Redenção. Mas, como não foi possível descer na pista clandestina e identificar os proprietários dos caminhões, máquinas pesadas e caminhonetes que operam na aldeia dos

caiapós, nem mesmo inquérito foi aberto.

Odenir Pinto disse que vai recorrer à Procuradoria Geral da República para a abertura de processo sobre o contrabando. No ano passado foram apreendidos 11 mil metros cúbicos de mogno, que também estavam sendo traficados das terras dos índios caiapós. Sobre esse contrabando, o madeireiro Osmar Ferreira responde a inquérito. No entanto, os 11 mil metros de madeira sumiram. Uma sindicância do Ibama apura responsabilidades. Dezenas de caminhões são despachados diariamente. De São Félix, o carregamento segue pela BR-150, até Belém, no Pará. Nas margens da BR-150 há serrarias, algumas especializadas em transformar as grossas toras em lâminas.



Dida Sampaio/AE

Carregamento de mogno sai de Redenção e desce o Rio Xingu: única forma de escoamento da madeira

Baixo risco facilita atividade ilegal de madeireiros na região

REDENÇÃO — O contrabando de mogno das terras dos índios é uma atividade tão lucrativa quanto o tráfico de drogas. Com a diferença de que é muito menos arriscado. Os índios cobram R\$ 40 pelo metro cúbico de mogno que, no mercado internacional, é vendido por R\$ 850. O lucro garantido é de mais de 2.000%. Poderia ser maior. É que o mogno de origem duvidosa, produto de contrabando, é vendido por um preço menor do que a tabela

mundial, que pode chegar até a R\$ 1,4 mil por metro cúbico.

Uma árvore de mogno de 130 anos — a idade ideal para se extrair a madeira — significa cerca de 5 metros cúbicos de madeira. Portanto, cada árvore no ponto ideal representa R\$ 200 para o índio caiapó e pelo menos R\$ 4,25 mil para o contrabandista. Cerca

de 1 mil árvores — 5 mil metros cúbicos — se traduzem em R\$ 4,25 milhões, ou US\$ 5 milhões para os traficantes. Os 40 mil metros de mogno que foram retirados este ano das reservas dos caiapós alcançam a cifra de R\$ 36 milhões.

Lucratividade tão alta motiva grandes investimentos por parte dos contrabandistas. De acordo com o chefe do Departamento do Patrimônio da Funai, Odenir Pinto, os traficantes investem pesado para

retirar o mogno das terras dos caiapós. Eles alugam balsas em São Félix do Xingu e sobre elas colocam tratores de esteira, caminhões, caminhonetes, viveres e material de apoio aos operários que são enviados para a área indígena.

Porto — A balsa gasta vários dias

para subir cerca de 180 quilômetros pelo leito do Rio Xingu, até o ponto que será construído um porto provisório. Ali, o trator abre uma espécie de cais, centenas de quilômetros de estradas, clareiras e pista de pouso de aviões pequenos, que serão operadas mais tardes. Odenir Pinto calcula que, se o contrabando de mogno das terras dos caiapós não for estancado agora, em cinco anos não haverá no sul do Pará mais exemplares desta árvore nobre, tão valorizada no mercado mundial. Testes de remanejamento com a espécie, para se tentar reflorestamentos de mogno, ainda não deram resultados satisfatórios.

A mata nativa que existe no sul do Pará está em extinção. Existe nas terras dos caiapós por causa das reservas de Caiapó e Mencragnotire, a primeira demarcada entre 1985 e 1987 e a segunda em 1992, separadas pelo Rio Xingu, ambas no município de Redenção. A terceira reserva, do Baú, ainda não foi demarcada. (J.D.)

Redenção surgiu com o extrativismo

REDENÇÃO — O município de Redenção tem apenas 12 anos e já conta com 130 mil habitantes. Surgiu por causa das fronteiras agrícolas e do extrativismo do ouro e da madeira. Embora na Amazônia, onde a chuva é constante, Redenção também enfrenta a seca, agravada pelas queimadas na região. A poluição ambiental é tamanha que mal o dia amanhece uma nuvem de fumaça

paira sobre a cidade.

Quando se inicia o período da tarde, a poluição ambiental parece aumentar. Os olhos ardem, a garganta dói. Carros passam, levantam poeira, que se mistura à fumaça. A tosse atinge a todos. O sol é apenas uma bola vermelha por trás da cortina cinza. Por causa da fumaça que cobre Redenção, os vãos diários da Brasil central tornaram-se incertos. (J.D.)